

LEONARDO DE OLIVEIRA SOUZA

COLEÇÃO QUILOMBOS DE GOIÁS



**MEMÓRIA E IDENTIDADE
NO QUILOMBO RECANTOS DOURADOS
DE ABADIA DE GOIÁS**

LEONARDO DE OLIVEIRA SOUZA

COLEÇÃO QUILOMBOS DE GOIÁS

MEMÓRIA E IDENTIDADE
NO QUILOMBO RECANTOS DOURADOS
DE ABADIA DE GOIÁS

Elias de Pádua Monteiro

Reitor do IF Goiano

Luciano Carlos Ribeiro da Silva

Pró-reitoria de Extensão

Geísa D'Ávila Ribeiro Boaventura

Pró-reitoria de Ensino

Gilson Dourado da Silva

Pró-reitoria de Administração

Ana Maria Rodrigues de Resende

Pró-reitoria de Gestão de Pessoas

Alan Carlos da Costa

Pró-reitoria de Pesquisa, Pós-graduação e Inovação

Equipe do Núcleo da Editora IF Goiano

Sarah Suzane Bertolli

Coordenadora Editorial

Daiane de Oliveira Silva

Assessora Técnica

Ana Paula Oliveira Sousa

Assessora Editorial

Revisão textual

Bárbara Rayne Nunes Cardoso (Coelum Editorial)

Projeto gráfico e diagramação

Bruna Ranyne Nunes Cardoso (Coelum Editorial)

Capa

Dhandara Entreportes (Coelum Editorial)

Bibliotecária responsável

Daiane de Oliveira Silva

Esta obra é parte dos resultados do Projeto de Extensão Escola Quilombo – Curso de Aperfeiçoamento em Educação Escolar Quilombola: formação de gestores e docentes para a educação das relações étnico-raciais, desenvolvido pelo Instituto Federal Goiano em parceria com a Coordenação-Geral de Educação Escolar Quilombola, vinculada à Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização de Jovens e Adultos, Diversidade e Inclusão do Ministério da Educação (SECADI/MEC).

As atividades de pesquisa, escuta, registro e sistematização de narrativas, experiências e práticas educativas que deram origem a esta obra foram realizadas em consonância com os preceitos éticos estabelecidos para pesquisas envolvendo seres humanos, tendo sido aprovadas pelo Comitê de Ética em Pesquisa, conforme Parecer Consubstanciado nº 7.954.830 e CAAE: 93147625.1.0000.0036

Tatianne Silva Santos

Coordenadora do Projeto de Extensão Escola Quilombo – Curso de Aperfeiçoamento em Educação Escolar Quilombola: formação de gestores e docentes para a educação das relações étnico-raciais

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas (SIBI) – Instituto Federal Goiano

C837m Oliveira, Leonardo de Souza.
Memória e identidade no quilombo recantos dourado de Abadia de
Goiás / Leonardo de Souza Oliveira. - 1. ed. - Goiânia: IF Goiano, 2026.
80 p., il.

ISBN (e-book): 978-85-65871-63-1
ISBN (impresso): 978-85-65871-67-9

Coleção quilombos de Goiás

1. Literatura Infantil Quilombola. 2. Educação escolar quilombola .
3. Memória quilombola . 3. Relações étnico-raciais . 4. Ancestralidade . I.
Oliveira, Leonardo de Souza. II. IF Goiano. III. Título.

CDU: 37.014.53

Ficha elaborada por Daiane de Oliveira Silva – Bibliotecário/CRB 1 nº 2685

PREFÁCIO

Este livro paradidático integra as ações do Projeto de Extensão Escola Quilombo – Curso de Aperfeiçoamento em Educação Escolar Quilombola: formação de gestores e docentes para a educação das relações étnico-raciais, desenvolvido em 2025 pelo Instituto Federal Goiano (IF Goiano), em atendimento à carta-convite da Coordenação-Geral de Educação Escolar Quilombola da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização de Jovens e Adultos, Diversidade e Inclusão do Ministério da Educação (Secadi/MEC).

O projeto consistiu na oferta de um curso de formação continuada voltado a gestores e docentes de escolas quilombolas e de escolas que atendem estudantes oriundos de comunidades quilombolas, com o objetivo de fortalecer a educação escolar quilombola e subsidiar práticas pedagógicas comprometidas com a educação das relações étnico-raciais. A proposta formativa articulou atividades pedagógicas, momentos de escuta, pesquisa de campo e produção de materiais educacionais, valorizando os saberes comunitários e as experiências vividas nos territórios quilombolas.

Nesse contexto, desenvolveu-se a pesquisa “Cultura negra em sala de aula: memórias quilombolas em perspectiva etnográfica para uma educação antirracista”, da qual este livro é um dos produtos educacionais. A obra foi elaborada a partir de registros, narrativas, documentos e reflexões construídos ao longo do projeto, em diálogo direto com as comunidades participantes.

Fizeram parte dessa trajetória formativa e investigativa comunidades quilombolas localizadas na região centro-sul do estado de Goiás: Ana Laura, em Piracanjuba; Mucambo, em Santa Cruz de Goiás; Goianinha, em Palmeiras

de Goiás; Boa Nova, em Professor Jamil; e Recantos Dourados, em Abadia de Goiás. Embora o projeto tenha envolvido diferentes territórios, esta obra dedica-se de forma específica à Comunidade Quilombola Recantos Dourados, convidando o leitor a conhecer mais de perto sua história, suas memórias, sua organização social, suas práticas culturais e suas experiências coletivas.

Ao longo das páginas, a Comunidade Quilombola Recantos Dourados é apresentada não apenas como objeto de estudo, mas como sujeito de conhecimento. Suas narrativas revelam modos de viver, de cuidar do território, de transmitir saberes e de construir coletivamente o presente e o futuro, evidenciando a centralidade da memória, da ancestralidade e da identidade quilombola na vida comunitária.

O livro foi elaborado com a finalidade de contribuir para a superação da carência de materiais didáticos que abordem os quilombos a partir de perspectivas locais e comunitárias, especialmente no âmbito da educação básica. Destina-se aos anos finais do ensino fundamental II e ao ensino médio, podendo ser utilizado em componentes curriculares como História, Geografia, Sociologia e Filosofia, bem como em projetos interdisciplinares e ações formativas voltadas à educação das relações étnico-raciais.

Os conteúdos estão organizados em cinco eixos temáticos que orientam a leitura e o trabalho pedagógico: história e ancestralidade; lugares de memória; alimentação e saberes tradicionais; religiosidade e espiritualidade; e mulheres, juventudes e futuro. Esses eixos possibilitam uma compreensão ampla da Comunidade Quilombola Recantos Dourados, articulando passado e presente, memória e cotidiano, território e identidade.

Ao combinar explicações conceituais com narrativas e vozes quilombolas, o livro preserva a oralidade e as vivências comunitárias, sem abrir mão do rigor necessário ao uso escolar. Essa escolha metodológica busca contribuir para uma abordagem crítica e contextualizada dos quilombos, superando visões estereotipadas e reducionistas ainda presentes em muitos materiais didáticos.

Ao final de cada capítulo, são apresentadas propostas de atividades pedagógicas, concebidas como sugestões de trabalho em sala de aula. Essas propostas não pretendem engessar as práticas docentes, mas indicar caminhos possíveis

para o desenvolvimento dos conteúdos, respeitando a autonomia dos professores, as especificidades das escolas e os diferentes contextos educacionais. Parte-se do entendimento de que o ensino sobre quilombos deve ser construído de forma dialogada, crítica e sensível às realidades locais.

Assim, este livro convida educadores, estudantes e demais leitores a se aproximarem da Comunidade Quilombola Recantos Dourados com escuta atenta, respeito e disposição para aprender, reconhecendo nos territórios quilombolas espaços vivos de produção de conhecimento, memória e resistência.

Tatianne Silva Santos

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1	
HISTÓRIA, ANCESTRALIDADE E TRABALHO: A FORMAÇÃO DA COMUNIDADE RECANTOS SOURADOS DE ABADIA DE GOIÁS	13
ATIVIDADE PEDAGÓGICA 1	21
CAPÍTULO 2	
LUGARES DE MEMÓRIA: AS MARCAS DO PASSADO PRESENTE	23
O território que “fala”	24
ATIVIDADE PEDAGÓGICA 2	30
CAPÍTULO 3	
SABERES TRADICIONAIS, ALIMENTAÇÃO E A “MEDICINA DO MATO”	32
Alimentação como saber ancestral	34
A “medicina do mato”: saberes que curam	37
Parteiras, benzedeiros e curadores	40
ATIVIDADE PEDAGÓGICA 3	42
CAPÍTULO 4	
FESTIVIDADES, RELIGIOSIDADE E VIDA COMUNITÁRIA	44
Festas religiosas e celebrações coletivas	45
Trabalho coletivo e solidariedade	48
ATIVIDADE PEDAGÓGICA 4	50

CAPÍTULO 5

MULHERES, JUVENTUDES E FUTURO 52

Juventude quilombola e o futuro 56

ATIVIDADE PEDAGÓGICA 5 58

CONSIDERAÇÕES FINAIS 60

ANEXO 64

FONTES ORAIS 68

REFERÊNCIAS 70

SOBRE O AUTOR 72

INTRODUÇÃO

A formação histórica do Brasil envolveu diferentes povos, trajetórias e formas de organização social que marcaram o território do decorrer do tempo. Entre essas experiências históricas estão os quilombos, construídos por homens e mulheres afrodescendentes que buscaram criar modos próprios de viver, trabalhar, organizar a vida comunitária e preservar vínculos culturais durante e após o período da escravidão.

Desde o período colonial, mocambos e quilombos se desenvolveram em diversas regiões do país. Esses espaços não surgiram de uma única forma, mas de acordo com as condições locais, as possibilidades de sobrevivência e as relações estabelecidas com o entorno. Alguns quilombos se formaram em áreas de difícil acesso, como serras, matas fechadas e margens de rios, buscando proteção contra a perseguição. Outros se constituíram próximo a vilas, fazendas e caminhos comerciais, mantendo relações de troca, trabalho e convivência com a população ao redor.

Os quilombos não eram todos iguais. Alguns se tornaram grandes comunidades, como o Quilombo dos Palmares, em Alagoas, e o território Kalunga, em Goiás. Outros eram formados por pequenos núcleos familiares, enquanto alguns se constituíram sem um território definido, reunindo indivíduos vindos de diferentes comunidades quilombolas ou grupos negros remanescentes da escravidão em regiões marcadas pelo trabalho escravista. Em comum, muitos

desses quilombos se dedicavam à agricultura, à criação de animais, ao artesanato e ao cultivo coletivo da terra, garantindo sua sobrevivência e fortalecendo os laços comunitários.

Estudos históricos indicam que, entre os séculos XVI e XIX, existiram milhares de quilombos no Brasil, espalhados por diferentes regiões do país. Essas experiências contribuíram para a formação de comunidades negras que, em tantos casos, atravessaram gerações e permanecem até os dias atuais.

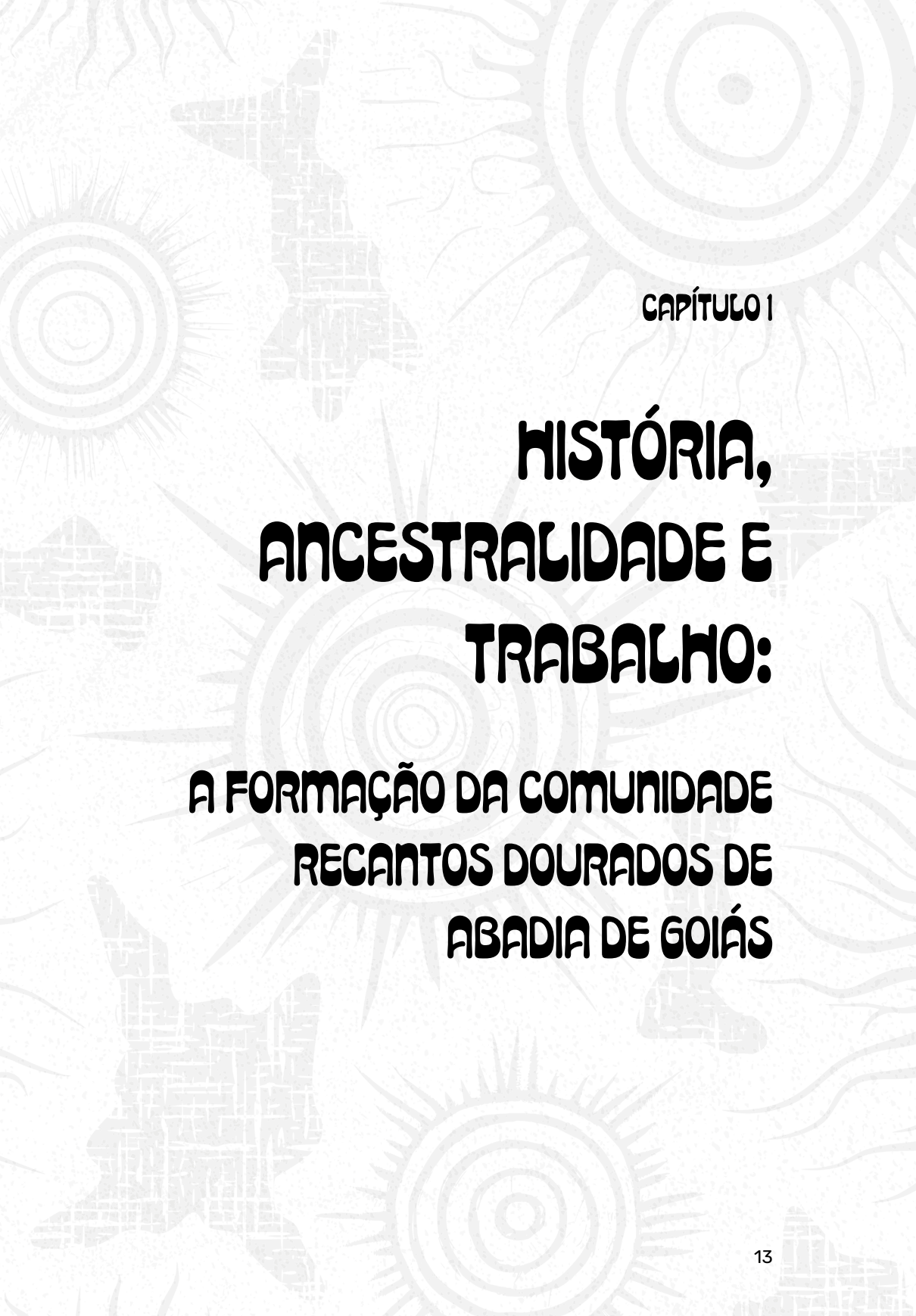
Atualmente, os quilombos fazem parte da realidade brasileira. Segundo dados oficiais da Fundação Palmares, são 7.666 comunidades quilombolas reconhecidas e 494 territórios quilombolas delimitados em 24 estados e no Distrito Federal. O Censo Demográfico de 2022 identificou 1.327.802 pessoas que se autodeclararam quilombolas, distribuídas em 1.696 municípios. A maior concentração está na região Nordeste, mas há comunidades quilombolas em todo o país. Apenas uma parte dessa população vive em territórios oficialmente certificado, o que torna a luta pelo reconhecimento do território um tema central para essas comunidades.

No estado de Goiás, a presença quilombola está relacionada ao processo histórico de ocupação do território, especialmente a partir do século XVIII, com a mineração e a expansão das atividades agrícolas. Pessoas negras escravizadas e libertas participaram ativamente da mineração, do trabalho rural e da formação de povoados, estabelecendo vínculos duradouros com a terra.

No decorrer do século XIX e do século XX, famílias negras foram se organizando em áreas rurais e próximas a antigas fazendas, estruturando comunidades baseadas em laços de parentesco, vínculos de trabalho, práticas culturais e religiosidade. Esses processos de cooperação deram origem a muitas das comunidades quilombolas existentes hoje em Goiás e no país.

Atualmente, segundo dados do governo de Goiás, existem 82 comunidades quilombolas identificadas, distribuídas em 49 municípios, além de cerca de 30 mil pessoas que se autodeclararam quilombolas, segundo o Censo de 2022. Esses dados mostram que a identidade quilombola não remete apenas ao passado, fazem parte do presente, com histórias, saberes, práticas culturais e modos de vida próprios.

Estudar as comunidades quilombolas em Goiás é compreender aspectos fundamentais da história do estado e do Brasil. Significa reconhecer a importância do território, da memória, da cultura e das formas de organização comunitária na construção da identidade quilombola e da própria história goiana. Este caderno convida o estudante a conhecer essas histórias a partir das próprias comunidades, valorizando seus saberes, suas experiências e suas expectativas de futuro.

The background of the page is a light gray with a repeating pattern of indigenous motifs. These include stylized suns with concentric circles and radiating lines, and abstract human figures in various poses, some with grid-like patterns on their bodies. The motifs are arranged in a way that they overlap and create a sense of depth and texture.

CAPÍTULO 1

HISTÓRIA, ANCESTRALIDADE E TRABALHO:

**A FORMAÇÃO DA COMUNIDADE
RECANTOS DOURADOS DE
ABADIA DE GOIÁS**

Tratar da história da comunidade quilombola Recantos Dourados é falar sobre a presença negra na região de Abadia de Goiás, na área metropolitana de Goiânia - Goiás. Muito antes de qualquer reconhecimento oficial como comunidade quilombola em junho de 2016, homens e mulheres negras já viviam, trabalhavam e construíam suas vidas nesse território. A comunidade foi sendo formada por meio de um processo histórico gradativo, marcado pela escravização, pelo deslocamento social, pelo trabalho rural e pelas estratégias de sobrevivência da população negra, que contribuíram para a ocupação do espaço e para a formação da sociedade abadiense.

Embora Abadia de Goiás tenha se consolidado como povoado apenas na década de 1950, em um contexto marcado pela migração e pela religiosidade, com a fundação de uma capela em devoção a Nossa Senhora da Abadia em 1963, a ocupação dessa região remete a um período muito anterior. Documentos produzidos pela própria comunidade indicam que o início da ocupação do território data de 1840, quando áreas de terra passaram a ser utilizadas por grandes propriedades rurais que empregavam o trabalho de pessoas negras escravizadas e, posteriormente, de seus descendentes. Nesse contexto, famílias negras vindas de outras regiões passaram a trabalhar nas fazendas locais, povoando a localidade e constituindo vínculos comunitários naquele território:

O início da ocupação da região, hoje Abadia de Goiás, data de 1840, com a aquisição de terras do governo por famílias de coronéis. Alguns remanescentes quilombolas vindos de Minas Gerais, da Bahia e de outras regiões trabalhavam nas fazendas, onde criaram uma comunidade quilombola para sobreviver (Associação Quilombo Recantos Dourados, 2016, p. 7-8).

A região geográfica que hoje forma a cidade de Abadia de Goiás surgiu a partir do desmembramento de áreas que antes pertenciam a Goiânia, Trindade, Guaporé e Aragoiânia. Apesar de a ocupação ter começado muito antes, o município só foi oficialmente emancipado em dezembro de 1995, o

que evidencia que a história do lugar é bem mais antiga do que sua criação administrativa.



Figura 1 – Região de Abadia de Goiás
Fonte: Google (16/01/2026).

A presença negra nesse lugar faz parte dos desdobramentos da história brasileira durante a escravidão e após a abolição. A região recebeu famílias negras vindas principalmente de Minas Gerais, da Bahia e de outras localidades, que se deslocaram forçadamente ou em busca de trabalho e de condições de subsistência. Foram esses deslocamentos que contribuíram para a formação de comunidades negras no território, marcado pelo trabalho rural, pela informalidade das relações de trabalho e pela ausência de direitos sociais na passagem do século XIX para o século XX.

Dessa forma, a trajetória negra na região reúne experiências ancestrais tanto pela exploração do trabalho quanto pela construção de saberes voltados à sobrevivência e ao desenvolvimento. Essas vivências aparecem de forma evidente na história familiar de Maria da Conceição Neres Pina (60 anos), ou apenas Conceição – como ela prefere ser chamada –, cuja memória conecta a experiência quilombola do avô, a origem baiana da mãe e os modos de vida herdados desse passado. Conceição conta:

Meu avô é do quilombo, faz parte do quilombo. A minha mãe é baiana e índia, misturada com índio, porque minha bisavó era índia. Então ela tem uns traços de índia. Nessa época, por ele ser quilombola, ele falava muito dos negros, dos pretos. Ele não chegou a apanhar, mas

conviveu num espaço lá dos escravos. Meu avô conviveu no lugar dos escravos. Ele fazia cerca de pedra, porque antigamente não tinha cerca de arame, essas coisas, era de pedra. Ele participava, era muito sofrido. Aí foi assim: meu pai falou: “ó, eu vou pro Goiás” [...]

Outros moradores da comunidade também relatam trajetórias semelhantes até a chegada em Abadia de Goiás, o que reforça que a formação comunitária ocorreu em um contexto de poucas oportunidades sociais e de ausência de acesso à terra. Nessas condições, muitas famílias precisaram se submeter a diferentes formas de sustento para garantir a própria sobrevivência. Com o tempo, ao se estabelecerem na região, foram constituindo territórios negros e modos de vida próprios, mesmo sem qualquer reconhecimento por parte do Estado brasileiro.

Maria Rosa da Silva (68 anos), natural de Uberlândia (MG), é um exemplo dessas trajetórias. Antes de se fixar definitivamente em Abadia de Goiás, em meados dos anos de 1990, sua família passou pela região de Trindade, onde trabalhou em uma olaria, e por outros municípios, como Ituaçu, Faina, Americana do Brasil e Jandaia. Sua história ajuda a compreender como, mesmo em períodos mais recentes, muitas famílias negras também foram se integrando à região por meio do trabalho, estabelecendo vínculos sociais e relações de pertencimento no interior goiano. Maria Rosa conta:

Nós trabalhamos muitos anos nessa região. Quando nós mudamos para cá, ainda era município de Trindade. Começamos lá na olaria, eu com meus sete filhos e meu esposo, trabalhando fazendo tijolo. Moramos lá por uns nove anos. Depois, construímos uma casinha aqui na Abadia e ficamos um tempo. Depois meu esposo aposentou. Eu continuei trabalhando como diarista. Com o tempo, meu filho comprou esse pedaço de terra aqui, e o mais novo veio pra cá. A gente veio junto, fez essa casinha, graças a Deus, e aqui nós moramos.

Em Abadia de Goiás, a presença negra no território se fez presente de muitas maneiras. Algumas das memórias mais emblemáticas da ancestralidade fazem referência a casarões antigos associados a práticas de escravização e violência. Esses casarões permanecem na região como marcas visíveis desse passado e podem ser percebidos como lugares de memória, à medida que concentram lembranças, narrativas e experiências relacionadas à presença negra e às relações de trabalho na história local. A liderança da comunidade, Maria Elisângela Antunes Pereira, conhecida como Eli, relembra que os mais antigos sempre mencionaram a existência de pessoas negras escravizadas e exploradas nessa região de Abadia, reforçando que a escravidão e seus desdobramentos deixaram marcas profundas no território.

Ao recordar as antigas estruturas da região, João Batista Silverino Martins (82 anos), um dos moradores mais antigos, juntamente com sua esposa, Maria Helena Martins, associa esses espaços e menciona um dos casarões da região à experiência da escravização e aos castigos físicos, reforçando essas práticas do passado transmitidas pela memória. João Batista Martins Conta:

Lá é assim... um sobrado, você entra debaixo do porão, tinha o tronco. Tinha a senzala. Tinha a correia... punha o caboco no tronco e a roda ia rodando. Tinha que trabalhar. Chegava fim de mês, o cara ia pagar... o salário era pouco. Aí pagava só a metade... se vira.

João Batista menciona também que conheceu um morador mais antigo, de nome Benedito, que reclamava das duras condições de vida e lhe teria dito: *Meu filho, você chegou hoje, você chegou no céu. Aqui já foi custoso.* Esse relato evidencia que formas de exploração do trabalho continuaram existindo mesmo após o fim legal da escravidão.

Nas memórias de Domeciano Cândido Oliveira (88 anos), essas marcas do passado permanecem no presente. Ao contar suas experiências, ele descreve fazendas onde homens e mulheres trabalhavam sob vigilância, correntes e castigos físicos, associando diretamente essas condições à escravidão, mostrando como essas formas de violência atravessaram gerações e marcaram

as vivências no território: *O trabalho era pesado demais. Tinha gente que trabalhava o dia todo e depois ainda ficava amarrada. Aquilo ali era coisa de escravidão, só que depois da escravidão.*

De acordo com o histórico da Associação Quilombo Recantos Dourados, homens e mulheres negras atuaram, no decorrer do tempo, em diferentes atividades econômicas da região: nas olarias, produzindo telhas e tijolos; nas lavouras de cana-de-açúcar e café; nas roças de milho, feijão e mandioca; na produção de hortaliças; e no manejo com o gado (Associação Quilombo Recantos Dourados, 2016).

Os relatos da comunidade também mencionam serviços como roçar pasto, abrir caminhos, construir cercas (muitas vezes de pedra) e realizar diversos trabalhos braçais em fazendas e propriedades locais. Além disso, os moradores produziam rapadura, melado e garapa, cultivavam alimentos para subsistência e troca e desenvolviam práticas artesanais, compondo um conjunto amplo de saberes e estratégias de subsistência que garantiram a permanência da comunidade no território. Maria da Conceição conta:

Eu trabalhava na roça, quebrava milho, fazia farinha, vendia pra ter roupa de São João. Minha mãe costurava na mão.

Sempre trabalhei.. Tirava leite de madrugada, fazia comida pra peão, levava marmita na cabeça. Isso molda a gente.

Essas práticas revelam formas de organização do trabalho que garantiam a sobrevivência das famílias, mas que também estavam inseridas em relações de desigualdade e racismo ainda presentes. Maria Rosa da Silva conta:

A gente percebe a discriminação no jeito que as pessoas olham, no tipo de trabalho que sobra para a gente. O trabalho da pessoa negra não é valorizado. Geralmente, é o serviço mais pesado, mais bruto.

Mudou pouca coisa. A gente aprende a lidar, mas ainda sente muito isso.

Diversos relatos apontam ainda para as dificuldades enfrentadas no momento de receber pelo trabalho realizado. Era comum que o pagamento fosse menor do que o combinado, atrasasse ou não fosse feito em dinheiro. Em muitos casos, o trabalho era pago com produtos, como sal, manteiga, alimentos ou outros itens básicos, o que reforçava a dependência e a precariedade das condições de vida. Essas práticas aparecem de forma recorrente nos relatos de moradores como João Batista Martins, Maria Helena e Domeciano.

Além do trabalho realizado fora de casa, o dia a dia incluía muitas outras tarefas dentro do próprio espaço doméstico. Depois do trabalho pesado nas roças, ainda era preciso cuidar da casa, do quintal, da horta e dos animais, além de preparar os alimentos, buscar água e lavar roupas. Essas atividades faziam parte da rotina e exigiam esforço constante. Em grande parte dos relatos, esse acúmulo de tarefas aparece ligado especialmente à experiência das mulheres, que conciliavam o trabalho fora de casa com os cuidados do lar, dos filhos e da vida comunitária.

Ao lembrar do passado presente, Maria Rosa conta que seu esposo, João Batista Honório, atualmente com 100 anos de idade: *mexia com a roça: capinava, plantava milho, mandioca... um pouco de tudo a gente plantava. Hoje ele já está mais quieto, por causa da idade. Agora eu fico aqui pelejando com galinha, porco, cachorro. Só não tenho gado, mas o resto eu tenho. Graças a Deus.*

A memória dos mais velhos relata que as crianças participavam desde muito cedo das tarefas da comunidade. Essa convivência com o trabalho não ocorria por escolha, mas, muitas vezes, pela ausência de oportunidades escolares, pela falta de acesso a políticas públicas e pela necessidade de sobrevivência.

Nessas experiências do cotidiano, circulavam conhecimentos, valores e práticas que ajudaram a formar a comunidade, reforçando a cooperação e o elo com o território. Foi dessa forma que os saberes ligados à cultura quilombola se mantiveram vivos, transmitidos por meio das relações sociais entre diferentes gerações, compondo uma parte fundamental da identidade da comunidade.

Esses vínculos foram essenciais para a afirmação da Comunidade Recantos Dourados como quilombola em 2016¹, quando a comunidade foi oficialmente reconhecida pela Fundação Cultural Palmares². Esse registro contribuiu para legitimar a trajetória do povo negro na região e possibilitou o acesso a políticas públicas previstas na legislação brasileira.

Trata-se de um passo importante para a afirmação das comunidades no município de Abadia de Goiás e no estado de Goiás, integrando um processo mais amplo de reconhecimento da presença negra no país e resultado do esforço contínuo da própria comunidade local. Como destaca a liderança Eli, esse reconhecimento ajudou a enfrentar o esquecimento histórico que, por muito tempo, marcou a exclusão e o racismo em relação à presença negra na região, ao mesmo tempo que reconheceu a trajetória de vida de tantas pessoas que resistiram e construíram sua história no decorrer do tempo.

Segundo Eli, esse processo contribuiu também para a religação da comunidade consigo própria, fortalecendo os vínculos e a memória coletiva dos moradores. Assim, Recantos Dourados segue se construindo como comunidade, inspirada nos riachos reluzentes da região, que deram o nome e significado à sua identidade.

1 A Fundação Cultural Palmares é uma instituição pública federal vinculada ao Ministério da Cultura. Entre suas principais funções, está o reconhecimento oficial das comunidades quilombolas no Brasil por meio da emissão da certidão de autodefinição quilombola.

2 O reconhecimento das comunidades quilombolas está garantido pela Constituição Federal de 1988. O Artigo 68, do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias (ADCT), estabelece que “aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva”.

ATIVIDADE PEDAGÓGICA 1

.....

1. HISTÓRIA EM MOVIMENTO

A história não está apenas nos livros, ela também vive nas pessoas, nas lembranças e nas experiências de quem veio antes de nós. Nesta atividade, você será convidado(a) a escutar e registrar histórias de alguém mais velho da sua família ou da sua comunidade, valorizando a memória, a ancestralidade e a história local.

O que fazer:

Converse com uma pessoa mais velha (avó, avô, tio, tia, vizinho, morador antigo da comunidade) e registre as seguintes informações:

- de onde essa pessoa veio ou onde nasceu;
- como era a vida antigamente (trabalho, escola, costumes, dificuldades, lazer);
- uma memória marcante que ela gostaria de compartilhar.

Como registrar:

Você pode escolher uma das formas abaixo:

- texto escrito;

- gravação de áudio;
- desenho acompanhado de uma pequena explicação.

Importante:

Respeite a pessoa entrevistada, escute com atenção e registre a história da forma mais fiel possível.

Objetivo da atividade:

Compreender a história local a partir das memórias das pessoas, valorizar a ancestralidade e reconhecer que cada história de vida faz parte da construção da comunidade e do território.

The background of the page is a light gray with a repeating pattern of stylized suns. Each sun has a central circle with concentric rings and radiating lines. Overlaid on this pattern is a faint, light gray map of Brazil, positioned in the upper left quadrant.

CAPÍTULO 2

**LUGARES DE
MEMÓRIA:**

**AS MARCAS DO PASSADO
PRESENTE**

A história da comunidade quilombola Recantos Dourados, em Abadia de Goiás, encontra-se registrada de diferentes formas, tanto materiais quanto imateriais. Ela está inscrita no território e pode ser percebida nos caminhos, nas casas antigas, nas áreas de roça, nas matas, nos córregos, nas construções, nas estradas que antes eram trilhas e em diversos espaços que guardam lembranças das pessoas. Esses espaços são o que chamamos de *lugares de memória*³.

Esses lugares de memória são marcos onde a memória coletiva circula, onde a comunidade reconhece acontecimentos, experiências e sentidos compartilhados no decorrer do tempo. Ao percorrer a região de Abadia de Goiás, diversos marcos simbólicos mostram que o território “fala”. Mesmo quando não há placas, muros ou edificações visíveis, emergem lembranças e experiências por meio das falas dos moradores mais velhos, que se transformam em narrativas transmitidas às gerações mais jovens. No contexto quilombola, esses lugares são fundamentais para compreender a história, a ancestralidade e a permanência da população negra no território.

O território que “fala”

Por meio dos lugares, o território guarda marcas do passado e revela histórias que nem sempre aparecem nos documentos oficiais. Um desses marcos é um antigo casarão existente na região, com mais de 200 anos, construído com o trabalho de pessoas escravizadas, conforme registrado no histórico da Associação Quilombo Recantos Dourados. Erguido em um período em que a região era toda rural, esse casarão atravessou gerações e permanece como

3 O conceito de lugares de memória refere-se a espaços, objetos, práticas ou narrativas nos quais a memória coletiva se ancora e se preserva, especialmente quando a experiência histórica não foi registrada oficialmente. No contexto quilombola, esses lugares são fundamentais para compreender a história, a ancestralidade e a permanência da população negra no território.

testemunho das formas de ocupação do território, das relações de trabalho e da presença negra ao longo do tempo.



Figura 2 – Casarão histórico construído com o trabalho de pessoas escravizadas há mais de 200 anos na região de Abadia de Goiás
Fonte: Associação Quilombo Recantos Dourados (2016).

Além das marcas materiais, o território também “fala” por meio da oralidade de quem viveu suas transformações. Maria Helena e João Batista Martins, que chegaram à região no início da década de 1960, descrevem um ambiente com poucas construções, muita mata e presença constante da natureza, revelando como era o cotidiano naquele período. Maria Helena Conta:

Tinha essas oito casinhas, tinha a estrada sendo construída. E só a rua principal. Tudo aqui era pasto. De lá era pasto. Só da igreja praí vinha aquela casinha ali da rua. Tinha muita mata, tinha muita água, córrego. Tinha muita fruta. Não passava fome na estrada não.

Tinha maçã do campo. Quando a gente veio pra cá, era um cerradão, isso foi em 1964. Era cerrado. Tinha a gabirola e a pitanga.

Essa lembrança ajuda a compreender que os lugares de memória também são paisagens transformadas pelo tempo. Onde hoje existem ruas, casas e cercas, antes havia mata fechada, córregos, trilhas abertas a pé e áreas de uso coletivo. Os caminhos e lugares eram marcados pela convivência entre as pessoas e a natureza.

O meio ambiente e as estradas também surgem de forma recorrente nas memórias como algumas das principais lembranças da comunidade, eram ligações entre povoados, fazendas e cidades próximas. Por eles circulavam pessoas, mercadorias, notícias e diferentes formas de relações sociais e convivência cotidiana: *não tinha asfalto, era estrada de chão. Na chuva, o ônibus atolava. Na seca, as crianças engoliam poeira* (João Batista Martins).



Figura 3 – Vista parcial da paisagem rural na região da Comunidade Quilombola de Abadia de Goiás
Fonte: Acervo pessoal de Maria Elisângela.



Figura 4 – Área territorial da Comunidade Quilombola de Abadia de Goiás
Fonte: Acervo pessoal do autor.

O historiador João José Reis chama a atenção para o fato de que muitos quilombos no Brasil não estavam isolados ou escondidos, muitos mantinham relações constantes com fazendas, vilas e cidades. Segundo o autor, essas comunidades faziam parte de redes de circulação de pessoas, mercadorias, informações e práticas sociais, o que ajuda a compreender o desenvolvimento de muitas vilas e cidades. Como afirma Reis:

Os quilombos não eram, como durante muito tempo se pensou, espaços isolados do mundo colonial. Muitos deles mantinham relações frequentes com fazendas, vilas e cidades, estabelecendo redes de troca, circulação e sociabilidade. A fuga, a permanência e a sobrevivência quilombola dependiam, em grande medida, dessas conexões com a sociedade envolvente (Reis; Gomes, 2010, p. 11-12).

As primeiras casas do povoado de Abadia de Goiás são lembradas como símbolo importante de sociabilidade e pertencimento coletivo. Eram constru-

ções simples, conhecidas como casas de pau-a-pique, feitas com madeira e barro, muitas vezes cobertas com folhas ou palha, e erguidas em meio ao espaço rural.

As moradias, o trabalho e a vida diária integravam uma paisagem ainda em formação, fazendo da cooperação uma condição fundamental de sobrevivência. O acesso ao alimento nem sempre era garantido e, muitas vezes, era incerto, o que tornava a ajuda mútua parte da cultura local. A memória da comunidade guarda esse passado e as lembranças do deslocamento constante no território, narrando as atividades da roça, as moradias, o transporte de alimentos, a construção das casas e a abertura de novos caminhos, compondo uma paisagem coletiva que revela como o povoado foi se formando e se transformando no decorrer do tempo.

Maria Helena relembra o esforço necessário para garantir o alimento da família e conta que o arroz precisava ser trazido de longe: *A gente batia o arroz no pilão e depois tinha que carregar de longe pra trazer pra casa. Tinha que carregar na cabeça pra levar pra casa.*

A igreja também se destaca como um lugar de memória central em Abadia. Inicialmente, pequena e construída com materiais simples, ela cumpria um papel fundamental como espaço de fé, encontro e referência da organização coletiva.

Outro conjunto fundamental de lugares é formado pelas áreas de roça e de trabalho. O cultivo da terra e o manejo do gado e outros animais, bem como a coleta de frutos, também faziam parte do cotidiano dos moradores mais antigos. Essas práticas garantiam a sobrevivência material da comunidade e, ao mesmo tempo, funcionavam como espaços de aprendizagem e de transmissão cultural, nos quais o conhecimento era construído no dia a dia.

Os relatos demonstram que a vida na roça ensinava sobre o ritmo das estações, o esforço coletivo e a importância da solidariedade. As crianças aprendiam observando os adultos e participando das tarefas desde cedo, criando uma relação profunda com o território. Simultaneamente, esses espaços guardam memórias de exploração do trabalho, pagamentos injustos e trocas desiguais, revelando as desigualdades históricas enfrentadas pela população negra.

Os relatos dos moradores mais velhos mostram que esses lugares não existem apenas como espaços físicos, mas como referências carregadas de sentido, transmitidas pela oralidade e afirmando o pertencimento local. No decorrer do tempo, a comunidade testemunhou as transformações dos espaços, percebendo o crescimento urbano e as mudanças no uso da terra, que alteraram paisagens, caminhos e áreas naturais.

Essas transformações reforçam a importância de reconhecer e valorizar os lugares de memória como parte fundamental da experiência quilombola e da história de Abadia. Compreender os lugares de memória da Comunidade Recantos Dourados é perceber que a história não está apenas nos livros, mas também no chão que se pisa: em cada trilha, em cada córrego, nas casas antigas e nas áreas de roça, que guardam sentidos, experiências e lembranças capazes de iluminar o passado e fortalecer a construção coletiva da identidade comunidade ao longo do tempo.

No âmbito da educação escolar quilombola, esses lugares assumem um papel fundamental. Eles podem, e devem, ser compreendidos como espaços educativos, nos quais os estudantes aprendem história, geografia, cultura e direitos a partir de sua própria realidade e de seu território. Esse conhecimento se constrói por meio da preservação dos espaços materiais e, sobretudo, pela escuta, pelo registro e pela valorização das narrativas dos moradores mais antigos, que permanecem como testemunhos vivos da trajetória histórica da população negra que compõe a Comunidade Recantos Dourados.

ATIVIDADE PEDAGÓGICA 2

.....

2. MAPA DA MEMÓRIA DA COMUNIDADE

Os lugares que frequentamos todos os dias também contam histórias. Ruas, casas antigas, riachos, igrejas, estradas e áreas de mato guardam memórias importantes sobre a formação da comunidade e sobre as pessoas que viveram ali antes de nós.

Nesta atividade, você vai construir um **Mapa da Memória**, relacionando o que aprendeu no livro com o território onde vive.

O que fazer:

Utilizando um mapa simples da comunidade (impresso, projetado ou desenhado por você e sua turma), realize as seguintes etapas:

Marque os lugares citados no livro, como:

- casarões antigos;
- riachos ou córregos;
- igreja;
- estradas e caminhos;
- áreas de mato, roça ou trabalho;
- pinte ou destaque os lugares que você conhece ou já visitou;

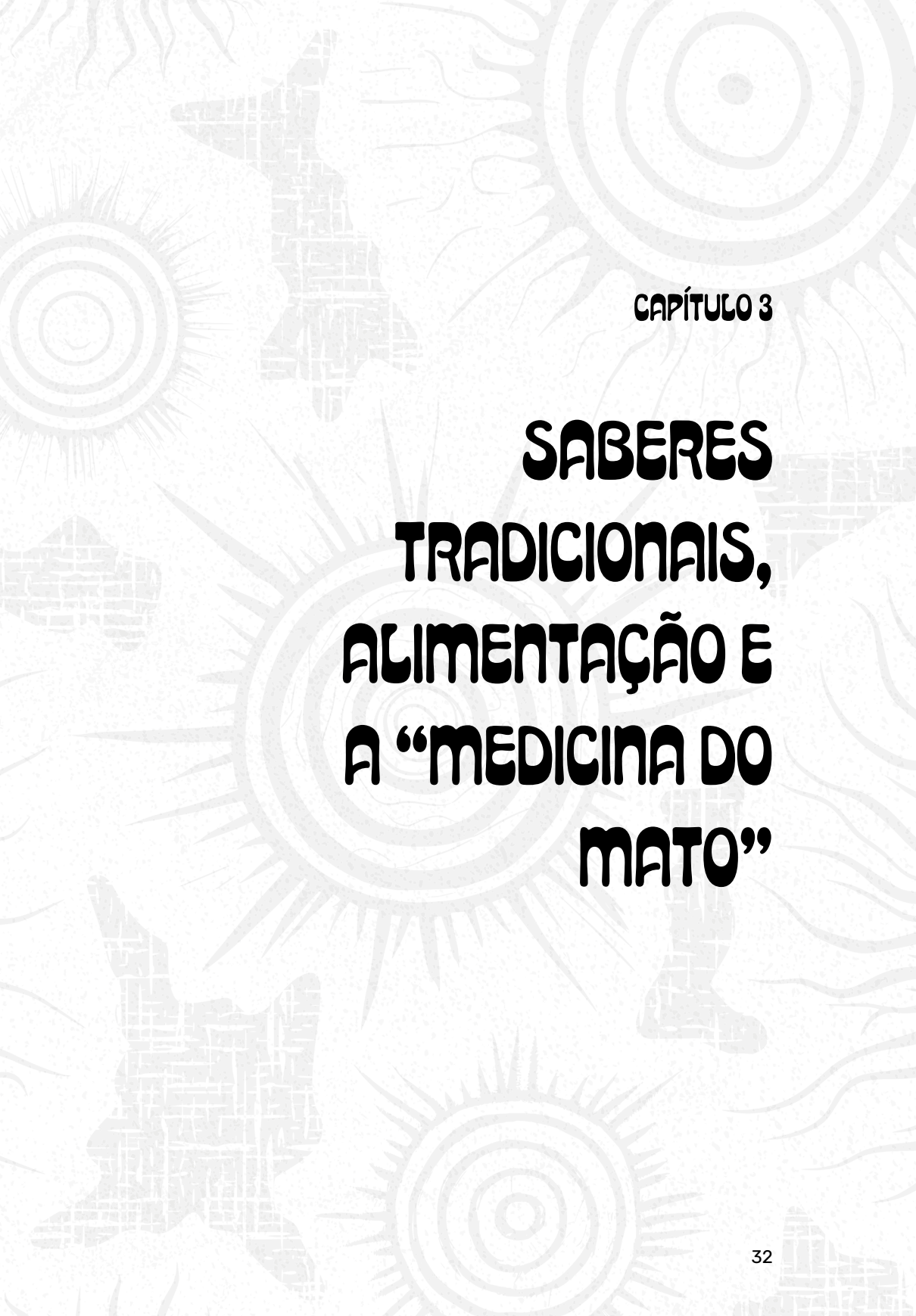
- ao lado de cada lugar marcado, escreva o que você sabe, ouviu ou aprendeu sobre ele (histórias, lembranças, usos antigos ou atuais).

Dica:

Se possível, converse com familiares ou moradores mais antigos para saber mais sobre esses lugares.

Objetivo da atividade:

Compreender o território como um espaço de memória, história e pertencimento, reconhecendo que a comunidade se constrói a partir das relações entre pessoas, lugares e experiências vividas no decorrer do tempo.

The background of the page is a light gray with various indigenous-style patterns and symbols. These include concentric circles with radiating lines (resembling suns or targets), stylized human figures in various poses, and abstract geometric shapes. The patterns are distributed across the entire page, creating a textured, cultural backdrop.

CAPÍTULO 3

**SABERES
TRADICIONAIS,
ALIMENTAÇÃO E
A “MEDICINA DO
MATO”**

A história da comunidade quilombola se sustenta de muitas maneiras, e uma das mais importantes permanece presente por meio da transmissão de um conjunto de saberes sofisticados e criativos, que podem ser compreendidos como tecnologias sociais⁴, pois reúnem conhecimentos tradicionais elaborados por diferentes gerações e transmitidos principalmente pela oralidade e pela convivência. Entre eles, destacam-se a alimentação tradicional, o uso de plantas medicinais, as garrafadas, os chás e as diversas práticas de cuidado com a saúde e com a vida espiritual, profundamente ligadas à relação com a terra e com a natureza.

É nesse sentido que o historiador Flávio dos Santos Gomes, na obra *Histórias de quilombolas*, destaca que muitas comunidades quilombolas se constituíram a partir do cotidiano, da permanência no território e da transmissão de conhecimento pela oralidade. Essa perspectiva ajuda a compreender que os quilombos se formaram como espaços de resistência e também como lugares de produção de conhecimento, organização social e continuidade cultural.

Na Comunidade Recantos Dourados, esses saberes permanecem presentes e vêm sendo adaptados às novas condições de vida, mas preservando uma relação ancestral com a natureza. É o que Domeciano chama de *medicina do mato* ou, nos dizeres de Conceição, de *farmácia do mato*.

Esses conhecimentos foram construídos na convivência entre diferentes gerações e por meio de um intercâmbio de saberes que aproximam matrizes africanas e indígenas dos povos originários da região. No decorrer do tempo, esse conjunto de práticas esteve diretamente ligado aos cuidados com a saúde, com o bem-estar e com a alimentação das comunidades.

4 Tecnologias sociais podem ser entendidas como um conjunto de práticas, saberes, técnicas e formas de organização criadas coletivamente por grupos sociais para enfrentar problemas do cotidiano, promover a sobrevivência, melhorar as condições de vida e fortalecer vínculos comunitários. Diferentemente das tecnologias industriais, elas se baseiam no conhecimento local, na cooperação, na oralidade e na adaptação ao território, sendo construídas e transmitidas ao longo do tempo pelas próprias comunidades.

Alimentação como saber ancestral

A alimentação tradicional aparece nos relatos como uma estratégia fundamental de sobrevivência das famílias e das comunidades. Em períodos de maior dificuldade e vulnerabilidade, quando os recursos eram escassos, as famílias desenvolveram soluções próprias a partir da cooperação comunitária e do aproveitamento do que a terra oferecia. A moradora quilombola Ângela Maria Antunes Pereira de Andrade (57 anos) relata uma dessas experiências que se tornou central na cultura da Comunidade Recantos Dourados: a produção da farinha e do mingau de banana, criados por sua mãe como alternativa diante da falta de alimentos. Ângela Maria Antunes Pereira de Andrade conta:

Quando não tinha o que comer, minha mãe foi desenvolvendo um jeito. Pegava a banana verde, lavava, batia, secava, socava no pilão e fazia a farinha. Com a farinha, fazia mingau com leite. Quando não tinha açúcar, fazia melado da cana.

A banana ocupa um lugar central nos saberes alimentares e medicinais da Comunidade Recantos Dourados, todas as partes da planta são aproveitadas. A flor da banana – também chamada de umbigo ou coração da bananeira – é aproveitada como alimento: *Aquilo ali é um alimento riquíssimo. Dá pra refogar, fazer com carne moída, fazer farofa* (Ângela Maria Antunes Pereira de Andrade).

Além disso, Ângela acrescenta o uso da banana como remédio, por meio do preparo de xaropes naturais: *Você pega o caldo da banana, coloca açúcar, deixa ali tampado. No outro dia vira um xarope*. Esse xarope pode ser utilizado no tratamento de problemas respiratórios, como bronquite e asma, especialmente em crianças, como uma alternativa aos medicamentos industrializados, complementa Ângela Maria.

Essas receitas evidenciam uma relação profunda e sustentável com o meio ambiente. Com o passar do tempo, esses saberes não se perderam, foram reelaborados, adaptados às condições atuais, a exemplo da produção do tradicional pão de banana verde, produzido e comercializado hoje pela fa-

mília, mostrando como o saber tradicional não é estático, também está em movimento: *Hoje a gente faz diferente, tritura, mas o gosto do jeito antigo é outro* (Ângela Maria Antunes Pereira de Andrade).

RECEITA

Farinha de Banana Verde

Ingredientes

- banana verde
- sol (para secar)
- leite e/ou melado de cana, conforme o costume da família (opcional, quando se usa depois)

Modo de preparo

1. Lave bem a banana verde.
2. Corte a banana.
3. Deixe a banana cortada secar (quando o sol está bem quente, pode levar cerca de três dias para secar no sol).
4. Depois de bem sequinha, triture a banana até virar uma farinha bem fininha.



Figura 5 – Alimentos produzidos à base de banana verde na Comunidade Quilombola Recantos Dourados
Fonte: Acervo pessoal de Eli.

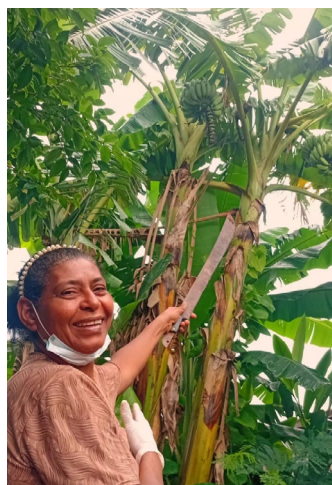


Figura 6 – Ângela Maria Antunes Pereira Andrade em área de cultivo de banana destinada à produção de alimentos na Comunidade Quilombola Recantos Dourados, 2026
Fonte: Acervo pessoal de Eli.

Entre outras tradições e receitas⁵ presentes na Comunidade Recantos Dourados, destacar-se também a aprendizagem dos mais novos. Maria Rosa conta:

Faço doce de banana, de goiaba, de figo. Semana passada fiz doce de banana. Também faço doce de leite. Esses saberes eu aprendi muito com a minha mãe e com o povo antigo. Antigamente, nas festas, a gente ralava mamão, fazia doce em tachos grandes. Não esqueço até hoje.

Minha menina faz. Minha menina faz requeijão. Ela morava aqui, aí ela mudou.

Aí ela faz requeijão hoje mesmo dia. Faz requeijão, doce de leite e queijo. E queijo temperado.

5 Outras receitas quilombolas podem ser acessadas em: Monego et al. (2019).

A “medicina do mato”: saberes que curam

Outro destaque da cultura quilombola é o amplo conhecimento sobre as plantas medicinais. Antes do acesso a hospitais, farmácias ou postos de saúde – acesso que, em muitos casos, ainda ocorre de forma precária para amplos setores da população brasileira, especialmente os mais vulneráveis – o povo quilombola desenvolveu formas próprias de cuidado com a saúde a partir dos recursos da natureza.

Essa sabedoria está presente nos relatos de diversos membros da comunidade. Maria Rosa conta:

Eu conheço os chás que aprendi com minha avó. Tenho hortelã, levante, bálsamo, boldo... Olha ali pra você ver, tudo ali. Eu tenho vique, tenho menta. O vique e a menta é bom pra despeitorar. Tem a poeira, que é boa pra criancinha. Eu não tenho criancinha não, mas planto. Tenho o bálsamo, que é bom pra infecção, até de ouvido. Quem tem problema de gastrite, coisa no estômago, o sumo dele é bom.

Também é de conhecimento dos moradores João Batista Martins e Domiciano, que enfatizam: *Tudo isso é remédio*, ao destacar seu amplo conhecimento sobre chás, garrafadas, raízes, folhas, frutos e cascas, usados para tratar diversas enfermidades. Ambos são reconhecidos como conhecedores das ervas do Cerrado e das garrafadas, saberes aprendidos pela observação, pela experiência e pela escuta dos mais velhos. Para eles, a “medicina do mato” não é apenas um recurso de cura, mas um conhecimento profundo sobre a natureza, transmitido pelos ancestrais e sustentado pela fé, pela prática e pelo respeito ao território. Domiciano conta:

Esses remédios do mato a gente aprende com os mais velhos. Não é só saber o nome da planta, é saber como usar. Tem folha, raiz e

casca que curam, mas se usar errado também pode fazer mal. Isso é conhecimento antigo.

Esse saber era transmitido pelos mais velhos e construído no cotidiano, por meio da observação atenta, da experimentação e da longa convivência com o território. Atualmente, porém, vem sendo cada vez menos praticado, especialmente em razão da degradação ambiental. Conceição conta:

Dos remédios que minha mãe me ensinou eu sei. Hoje eu não compro remédio de farmácia por infecção.

Minha mãe levava nós pro mato com enxadão e falava: “isso aqui é ovelhame branco, isso aqui é algodãozinho do campo, isso é sangra d’água, mamacadela, jutubá, pau de óleo...”. Tem o pé de perdiz (roxo e branco). Quando minhas garrafadas acabam, eu ponho o enxadão nas costas e vou buscar.

Minha mãe ensinava amassar algodão e tirar o sumo pra beber (infecção de dentro pra fora). Fazer garrafada. Eu faço xarope com hortelã, poejo, favaca, manjerição e até cupim (cupim preto). Ferve, abafa, faz o preparo e dá pra criança antes do café, em jejum.

O desmatamento acabou com muita coisa. Achar pé de perdiz, algodãozinho do campo, está raro. Aroaram tudo, jogaram veneno.

De modo geral, os moradores da comunidade destacam de forma recorrente as dificuldades de acesso e, em alguns casos, o desaparecimento de diversas plantas medicinais. Esse processo está diretamente relacionado ao avanço da urbanização, à exploração comercial e às mudanças no uso da terra, que provocaram o desmatamento de áreas do Cerrado. Como relatam os mais velhos, plantas antes comuns tornaram-se raras, resultado da abertura de áreas, do uso de veneno e da transformação da paisagem natural.

Domeciano chama a atenção para o fato de que a perda das plantas representa também a perda de saberes, já que muitos conhecimentos tradicionais dependem da existência concreta da natureza no território. Para ele, onde o Cerrado foi preservado, ainda é possível encontrar remédios naturais; onde houve desmatamento, esse conhecimento se enfraquece: *Onde o Cerrado não foi mexido, tem muito remédio. Mas onde passou trator e desmatou, as plantas acabam. Sem a mata, o remédio do mato também desaparece.*

Algumas das diversas plantas, raízes e seus remédios:

- Banana verde
- Farinha de banana
- Melado de cana
- Caldo/xarope da banana
- Flor da banana (umbigo, coração da bananeira)
- Milho (para angu)
- Feijão andu
- Cana-de-açúcar
- Cariru
- Bredo/berdoégua
- Marcelinha
- Favaca
- Bato
- Poeira do campo
- Cravinho do campo
- Douradinha
- Cadeira (fruta e planta medicinal)
- Chapéu-de-couro
- Alixir caseiro
- Garrafadas diversas
- Chás de folhas do mato
- Raízes medicinais (nomes não especificados)

Tudo isso demonstra o amplo repertório medicinal presente nos saberes da comunidade, ainda que muitos desses nomes não apareçam em manuais científicos. Trata-se de um conhecimento empírico, construído na experiência e validado pela prática.

Parteiras, benzedoras e curadores

As entrevistas também destacam a importância das parteiras, benzedoras e curadores, figuras fundamentais na trajetória da comunidade. Em muitos casos, partos eram realizados em casa, com auxílio apenas dessas mulheres, quando havia, sem a presença de médicos ou qualquer recurso hospitalar. Maria Helena relembra: *Meus filhos nasceram tudo em casa. Quando a parteira chegava, a criança já tinha nascido.*

Os conhecimentos ancestrais atuavam no cuidado com enfermidades, utilizando chás, pomadas, óleos, “garrafadas” e rezas. A benção aparece como prática associada ao cuidado espiritual e corporal, não sendo aprendida nem praticada por todos. *Benzer eu não aprendi, mas meu pai era benzedor*, lembra João Batista Martins.

Os saberes tradicionais aqui apresentados revelam que a identidade quilombola está profundamente vinculada à capacidade coletiva de criar, cuidar, conviver e sustentar a vida no território. A alimentação tradicional, a farmácia do mato e as práticas de medicina tradicional expressam uma ancestralidade viva, construída no cotidiano e transmitida entre gerações. Ao mesmo tempo, os moradores manifestam preocupação com o enfraquecimento desse contato entre os mais jovens, já que as transformações urbanas e os novos modos de vida têm reduzido a relação direta com o meio ambiente natural. Como observa João Batista Martins, não se trata apenas de ensinar receitas ou nomes de plantas, mas de preservar uma forma de ver o mundo baseada no respeito à natureza, ao outro e à vida coletiva.

Esses conhecimentos continuam orientando práticas que fortalecem os vínculos comunitários, a relação com a natureza e o cuidado com o corpo e com a vida espiritual. Quando reconhecidos e valorizados como patrimônio cultural e educativo, esses saberes preservam a memória e a identidade da comunidade, apontando caminhos para o futuro, reafirmando o território como espaço de aprendizagem, pertencimento e dignidade quilombola.

ATIVIDADE PEDAGÓGICA 3

.....

3. SABERES QUE ALIMENTAM

A alimentação tradicional faz parte da história, da cultura e da sobrevivência das comunidades quilombolas. Muitos alimentos e receitas atravessam gerações, ensinados no cotidiano, na convivência familiar e comunitária.

Nesta atividade, os estudantes vão identificar e valorizar esses saberes presentes no livro e nas entrevistas da comunidade.

Orientações:

A partir da leitura do capítulo sobre alimentação e saberes tradicionais, os estudantes devem identificar:

- alimentos citados (como banana, mandioca, milho, feijão, entre outros);
- formas de preparo mencionadas (farinha, mingau, cozidos, assados etc.);
- quem ensinou esses saberes (mãe, avó, familiares ou moradores da comunidade).

Depois, os estudantes podem escolher uma das propostas abaixo:

- montar um **mural coletivo**, com nomes dos alimentos, desenhos, fotos ou pequenos textos explicativos;
- criar um **Caderno de Receitas da Comunidade**, reunindo receitas tradicionais, histórias ligadas a elas e a origem desses conhecimentos.

Objetivo da atividade:

Valorizar os saberes tradicionais, compreender a alimentação como parte da identidade quilombola e reconhecer o papel da memória e da oralidade na transmissão do conhecimento.

The background of the page is a light gray with a repeating pattern of stylized suns and human figures. The suns are depicted with concentric circles and radiating lines, while the human figures are shown in various poses, some with arms raised. The pattern is subtle and covers the entire page.

CAPÍTULO 4

FESTIVIDADES, RELIGIOSIDADE E VIDA COMUNITÁRIA

Em sociedade, as celebrações representam o fortalecimento dos vínculos socioafetivos e culturais que dão sentido a um povo, reafirmando sua identidade e mantendo vivas suas tradições entre as novas gerações. Na Comunidade Recantos Dourados, fé, rezas, cultos, cantos, partilha de alimentos e mutirões constituem dimensões fundamentais da diversidade e da construção da identidade quilombola.

As festividades, especialmente as de caráter religioso, ocupam lugar central como expressões de uma vida coletiva orientada pela reciprocidade, pela cooperação e pelo cuidado. Ao reunir trabalho, devoção e convivência, essas práticas revelam modos próprios de organizar a vida social e evidenciam que a comunidade se fortalece naquilo que constrói coletivamente.

Festas religiosas e celebrações coletivas

Nesse conjunto de práticas compartilhadas, a religiosidade assume papel de destaque. Entre o quilombo, ela se manifesta como uma experiência plural da fé, marcada sobretudo pelas tradições do catolicismo popular, historicamente enraizadas nas comunidades rurais brasileiras. Essa forma de viver a religião manifesta-se nas novenas, nas festas de santos, nas rezas coletivas e nas promessas, práticas que entrelaçam espiritualidade, cultura e sociabilidade.

As memórias de alguns moradores apontam as festas juninas e a Folia de Reis como importantes celebrações que aproximam os moradores da região e contribuem para o fortalecimento dos laços comunitários. Ângela Maria Antunes Pereira de Andrade relembra: *Antigamente, o pessoal fazia muita Festa de São João, de São Pedro, Santo Antônio. Reunia todo mundo.* Maria Rosa conta:

Tem também as novenas e os festejos. Em junho, a gente faz a nossa comemoração aqui, junto com a família. Tem a festa de Trindade também, que a gente vai todo ano a pé. São dez dias de festejo; a gente vai e volta, porque é perto.

A novena que eu faço é a de Natal, em dezembro. São nove dias. A gente começa aqui na chácara e termina lá na sede, no salão. É a minha família mesmo que organiza e acompanha.

Esses encontros atraem visitantes de outras localidades e mantêm vivo um conjunto de ritos, cantos, saberes e práticas devocionais, ampliando as conexões culturais da comunidade com outros grupos. Como observa Carlos Rodrigues Brandão (1995), as festas do catolicismo popular são momentos em que a própria comunidade se celebra, reafirmando simbolicamente sua continuidade e sua história.

A religiosidade vivida no território indica um processo de sincretismo característico da formação cultural brasileira. Elementos herdados do catolicismo convivem com outras manifestações de fé, especialmente aquelas vinculadas às matrizes africanas, ao espiritismo e ao protestantismo, ajudando a compreender a fé como dimensão constitutiva das relações sociais. Roberto DaMatta (1984, p. 117), ao discutir o sincretismo, exemplifica que na cultura popular: “temos um sistema religioso onde santos católicos convivem com orixás africanos, espíritos kardecistas e uma variedade de mediadores sobrenaturais”, destacando um modo típico brasileiro de articulação e mistura religiosa.

Em Recantos Dourados, a expansão de igrejas evangélicas integra essa dinâmica contemporânea sem apagar referências culturais anteriores, indicando a capacidade da comunidade de reorganizar suas práticas religiosas conforme as transformações históricas. Ângela, que também é pastora no bairro, comenta os estigmas projetados sobre comunidades quilombolas: *Muita gente acha que quilombo é lugar de macumba. Não é assim.* Sua fala revela uma carga racista em relação às comunidades negras.

Eli, presidente da Comunidade Recantos Dourados também destaca o canto e a dança como uma das mais importantes manifestações locais da cultura local. Eli conta:

Quero chamar a atenção de que aqui a cultura dos quilombolas de Abadia de Goiás é uma cultura, principalmente na dança, ela é uma

dança voltada da sussa territorial e também um pouco mistura com carimbó e canto, porque ela é bem diferente, é o canto que era feito lá no campo, é o canto que traz as dores, é o canto que traz a colheita, é o canto que traz as vivências, é o canto que traz o agradecimento pela cura, pela chuva, o canto para quando chove demais, quando tem trovoadas, muito trovão, vento forte, também tem as benção, e tudo isso vem nos cantos. É o canto para vir o sol, né, por exemplo, e que é dança também:

“Santa Clara, clareou, São Domingos, alumínio, vai chuva, vem sol”.

Então tudo são cantos que realmente fazem sentido à existência. Enfim, é uma infinidade de cultura através do canto, que não é só uma música cultural, ele é um leque de necessidades, tanto para plantas quanto pra tudo, o canto e a dança também.

Toda vez que a gente fala de dança, cada território tem a sua maneira, né? E a nossa aqui é específica, sim, ela tem uma pegada de sussa territorial misturada com carimbó e mais nos versos trazendo aí.

Quem faz os versos aqui é o meu irmão, mas o meu irmão ele sofreu muito a questão da escravatura e mal sai da casa dele.

De modo geral, embora as comunidades quilombolas compartilhem experiências históricas que as aproximam, como a resistência, a construção de vínculos solidários e a defesa do território, é fundamental compreendê-las também a partir de sua diversidade interna. Reconhecer essa multiplicidade cultural e religiosa permite superar visões homogêneas e perceber que a identidade quilombola se constitui justamente na capacidade de reunir diferenças sem perder o sentido de comunidade.

Trabalho coletivo e solidariedade

A cultura dos mutirões é outra prática muito presente dos vínculos da organização comunitária. Construções de casas, plantações, produção de alimentos, limpeza de terrenos, preparação de eventos e cuidados com pessoas e espaços coletivos mobilizavam o trabalho conjunto, revelando formas de convivência baseadas na cooperação e na responsabilidade compartilhada. Ângela destaca esse costume como uma de suas memórias mais antigas na região de Abadia.

Cooperar continua sendo uma prática que reafirma a responsabilidade comunitária no quilombo Recantos Dourados. Ao recordar períodos anteriores, João Batista Martins descreve um tempo em que a confiança estruturava as relações de vizinhança e o sentimento de pertencimento se expressava nos gestos mais cotidianos. João Batista Martins conta:

Chegar na casa de cada um, se alimentava, posava. Ficava doido para chegar um vizinho... Vem com um amigo aqui, vamos bater um papo. As portas eram tudo enfiadas, para abrir era só por a mão num buraco e empurrar... Chegava, vinha... tinha comida, tinha uma galinha, uma vaca parida [...].

Como em muitas comunidades rurais, os causos integram o imaginário e a herança cultural que ajudam a interpretar o território e a própria experiência comunitária, atribuindo sentidos simbólicos às paisagens e às vivências coletivas. Entre as histórias mais conhecidas, está o caso da **Mãe do Ouro**, mencionado pela jovem Josilene (14 anos) e também por Domeciano. Associada a um fenômeno de luminosidade que surgia sobre a terra como um reflexo dourado, sua aparição costuma ser interpretada como sinal de sorte e, por vezes, como um indício da existência de riquezas ocultas no solo, remetendo a uma alusão às antigas narrativas sobre a mineração de ouro na região. Histórias como essa revelam uma maneira sensível de compreender o espaço, na qual natureza, espiritualidade e memória se entrelaçam.



Figura 7 – Representação da “Mãe do Ouro”, elemento presente nas narrativas orais da Comunidade Quilombola Recantos Dourados, em gravura produzida por Josilane Antunes do Nascimento, 16 jan. 2026
Fonte: Acervo pessoal do autor.



Figura 8 – Trabalho na plantação de mandioca, em representação do pai da autora, gravura produzida por Josilane Antunes do Nascimento na comunidade quilombola Recantos Dourados, 16 jan. 2026.
Fonte: Acervo pessoal do autor.

Toda essa cultura dos mutirões, das celebrações, da fé, dos causos e do trabalho compartilhado ajuda a compreender como a comunidade se construiu, ao longo do tempo, a partir de modos próprios de viver e conviver. Sustentada pela força das relações e pela cooperação cotidiana, a vida comunitária transforma experiências comuns em referências de pertencimento e mantém viva a identidade quilombola, uma identidade que se reinventa sem romper com suas raízes e projeta continuidades de sua trajetória histórica no presente.

ATIVIDADE PEDAGÓGICA 4

.....

4. FESTAS, FÉ E VIDA EM COMUNIDADE

As festividades e as práticas religiosas fazem parte da história e do cotidiano das comunidades quilombolas. Elas fortalecem os vínculos entre as pessoas, organizam a vida comunitária e ajudam a manter vivas tradições, crenças e memórias compartilhadas.

Nesta atividade, os estudantes devem refletir sobre o significado das festas e da religiosidade na comunidade, relacionando fé, cultura e convivência.

Orientações:

Após a leitura do capítulo sobre festividades, religiosidade e vida comunitária, os estudantes devem:

1. Identificar no texto:

- festas religiosas ou comunitárias citadas;
- momentos de encontro coletivo (missas, novenas, mutirões, celebrações);
- o papel da igreja, da fé e das tradições na organização da comunidade.

2. Em seguida, responder:

- Por que as festas e celebrações são importantes para a comunidade?
- Quais valores elas ajudam a fortalecer (solidariedade, respeito, união, pertencimento)?

Atividade prática (escolher uma opção):

- Registro cultural: produzir um pequeno texto, desenho ou colagem representando uma festa ou celebração mencionada no capítulo.
- Linha do tempo comunitária: organizar, em cartaz ou caderno, uma sequência de festas ou celebrações no decorrer do ano.
- Entrevista breve: conversar com alguém da família ou da comunidade sobre uma festa ou prática religiosa importante e registrar a memória.

Objetivo da atividade:

Compreender as festividades e a religiosidade como práticas culturais que fortalecem a vida comunitária, a identidade quilombola e a transmissão de valores entre gerações.

The background of the page is a light gray pattern featuring stylized suns with concentric circles and radiating lines, and human figures in various poses, some with cross-hatching patterns.

CAPÍTULO 5

MULHERES, JUVENTUDES E FUTURO

Assim como em muitas comunidades quilombolas, a vida em Recantos Dourados é fortemente marcada pelo protagonismo das mulheres e pela presença significativa de jovens. São elas que, no cotidiano, organizam a vida comunitária, cuidam das famílias, preservam práticas culturais e garantem a circulação de saberes entre as gerações, muitas vezes acumulando responsabilidades em contextos de desigualdade social e racial.

Quando se trata do engajamento, as mulheres também assumem papéis centrais, atuando na mobilização política e na promoção da consciência comunitária. É nessa perspectiva que a fala de Ângela expressa, de forma sensível, a dimensão histórica e coletiva dessa caminhada, reconhecendo a liderança de Eli na construção de novos caminhos para as gerações presentes e futuras. Ângela conta:

Eu acho que vem de uma luta muito forte que foi levantada há muitos anos, porque, quando a Eli começou a buscar essa história, a nos orientar, a nos mostrar de tudo aquilo que a gente um dia passou, um dia já fez, um dia já viveu. Então, agora, sabemos que é um novo tempo. Então, as pessoas que vão chegando, a gente vai abraçando, para não passar o que nós passamos. A gente quer mostrar a diferença para essas pessoas que muitos são novos, são renascentes, que renasceu e está, como se diz, de corpo, prosseguindo esse caminho. Então, quer dizer, eu tenho o prazer de ajudar, de passar o conhecimento que eu já tive, que eu já vivi, para ensinar para que a tradição não venha a morrer.

Os relatos das moradoras mostram que a vida das mulheres negras na comunidade foi marcada pelo racismo e pelas desigualdades de gênero. Ao mesmo tempo, essas narrativas revelam força, solidariedade e resistência. A violência racial atravessou diferentes gerações e deixou marcas profundas, mas também contribuiu para fortalecer a organização coletiva e a luta pela Comunidade Recantos Dourados.

Nesse sentido, os relatos de Conceição ajudam a compreender como essas experiências de abuso e discriminação fizeram parte do cotidiano de muitas mulheres negras nas relações sociais, evidenciando desafios históricos que ainda impactam suas vidas. Conceição conta:

A gente trabalhava, e os filhos dos patrões queriam fazer com a gente o que queriam. A gente não podia falar nada. Eles passavam batendo na gente e falavam que era brincadeira. Quando tentavam denunciar, o sofrimento era desconsiderado, a gente reclamava, e eles (patrões) falavam que isso não era nada.

Em outra lembrança dolorida, ela explica como muito cedo abandonou a escola. Conceição conta:

Em São Miguel do Araguaia, foi muito forte. Nós éramos chamadas de pretas, feias, cabelo de bombril. Eu e minha irmã paramos de estudar por causa disso. Era criança, 11 anos. Não tinha quase criança negra na escola.

Minha mãe foi falar com a diretora, disse que isso era crime. Mas eu não voltei pra escola. Sou analfabeta até hoje por isso.

Os abusos sofridos por Conceição evidenciam a permanência de práticas racistas nas quais a violência contra a população negra era naturalizada, e o sofrimento desconsiderado, especialmente no caso das mulheres. Mesmo sem acesso ao letramento convencional, Conceição acumulou saberes e esforços fundamentais para o desenvolvimento da vida comunitária de Recantos Dourados.

As vivências da juventude quilombola indicam que essa carga racista continua atravessando o cotidiano escolar. A trajetória de Josilene, adolescente de 14 anos, aproxima-se, em muitos aspectos, da discriminação sofrida por Conceição, hoje com 60 anos, revelando a permanência dessas práticas que afetam a autoestima, o pertencimento e o percurso educacional da popula-

ção negra. Segundo Josilene, nos primeiros anos do ensino fundamental, ela enfrentou situações recorrentes de racismo e exclusão no ambiente escolar, o que gerou sofrimento, silenciamentos e dificuldades emocionais semelhantes às relatadas por outras mulheres da comunidade. Do mesmo modo, em virtude dos processos de luta e conscientização estimulados pelos mais antigos, há mudanças importantes no presente.

Dessa forma, Josilene relata que, com o tempo, encontrou apoio dentro da própria escola, por meio das professoras e da equipe escolar, além do papel fundamental exercido por sua tia Eli, liderança comunitária que estabeleceu um diálogo próximo com a instituição. Esse apoio não eliminou completamente as situações de discriminação vividas por ela, mas contribuiu para transformar o ambiente escolar, trazendo o racismo para o debate e mostrando como a articulação entre educação, comunidade e liderança local pode produzir rupturas importantes em trajetórias marcadas pela discriminação.

Para Josilene, o acesso ao conhecimento foi decisivo para mudar a forma de lidar com o preconceito: *Hoje eu sei que racismo é crime. Aprendi a me defender. A forma certa de lidar com o racismo é enfrentando denunciando.* Essa aprendizagem possibilitou reconhecer a violência e enfrentar o racismo de maneira mais empoderada. Assim, a consciência e a educação emergem como elementos fundamentais para a construção da autoestima, do pertencimento e dos projetos de vida. Josilene projeta o futuro a partir de um compromisso coletivo, expressando o desejo de estudar, se formar e seguir fortalecendo sua comunidade: *Eu sonho em ajudar minha família e essa comunidade. Estudar Direito seria um ponto bacana.* Seu interesse pela área do Direito reforça a compreensão da educação como instrumento de defesa e transformação social. Como ela mesma vislumbra, os projetos individuais estão profundamente ligados à transmissão e o cuidado comunitário: *Nosso sonho é cultivar nossa história e deixar nosso legado.*

Essas histórias mostram que, mesmo diante de contextos extremamente adversos, as mulheres quilombolas constroem caminhos de resistência e autonomia. Nesse processo, a solidariedade entre mulheres, as redes de apoio e as estratégias cotidianas de sobrevivência tornam-se elementos centrais para a continuidade da comunidade e para a afirmação de sua identidade quilombola.

Juventude quilombola e o futuro

A presença das juventudes em Recantos Dourados é expressiva e revela um futuro que se constrói no diálogo entre educação, cultura e pertencimento comunitário. Josilene integra, junto com outras meninas, esse grupo, que ensaia e se apresenta como forma de fortalecer a cultura da comunidade. Juntas, elas articulam dança, canto e expressões artísticas ligadas à ancestralidade negra, transformando o aprendizado em prática coletiva, compartilhando saberes e afirmando publicamente a identidade quilombola.

Essas experiências mostram que o processo educacional na comunidade ultrapassa os limites da sala de aula, incorporando a cultura como espaço de formação, autoestima e projeção de futuro para a juventude de Recantos Dourados.



Figura 9 – Josilane Antunes do Nascimento apresentando pintura em telha durante atividade comunitária do Projeto Educacional Quilombola, comunidade quilombola de Abadia de Goiás, outubro de 2025
Fonte: Acervo pessoal do autor.



Figura 10 – Juventude quilombola em apresentação cultural na Comunidade Recantos Dourados, outubro de 2025

Fonte: Acervo pessoal do autor.

A participação das juventudes também se faz presente nos espaços de organização política da comunidade. Os jovens de Recantos Dourados costumam acompanhar as reuniões da Associação Quilombola, nutrindo o contato direto com as lideranças, com a história de luta do território e com os desafios atuais da comunidade.

Nesse convívio, vão adquirindo consciência, maturidade e instrumentos para enfrentar o racismo, compreender seus direitos e se preparar para as lutas políticas que garantem a permanência e a dignidade no território. Trata-se de um intercâmbio geracional no qual os jovens aprendem com a experiência dos mais velhos e, ao mesmo tempo, contribuem com novas linguagens, tecnologias e formas de comunicação, fortalecendo o senso de responsabilidade coletiva e renovando o compromisso com o futuro da comunidade.

ATIVIDADE PEDAGÓGICA 5

.....

5. RACISMO, DIREITOS E RESPEITO

A leitura dos relatos das juventudes quilombolas mostra que o racismo ainda faz parte da realidade de muitas pessoas, especialmente no espaço escolar e nas relações do dia a dia. Compreender o que é o racismo, reconhecer situações de desrespeito e saber como agir são passos importantes para a construção de uma sociedade mais justa.

Orientações:

Após a leitura do relato de Josi, o professor deve promover uma conversa inicial com a turma, abordando as seguintes questões:

- O que é racismo?
- Quais situações de racismo aparecem no relato?
- Por que essas atitudes causam dor, exclusão e sofrimento?
- Vocês já viram ou ouviram situações parecidas na escola ou na comunidade?

Atividade prática:

Os estudantes podem escolher uma das produções abaixo:

- Cartaz educativo: com frases de combate ao racismo, mensagens de respeito e valorização da diversidade.
- Texto coletivo: produzido em grupo, explicando o que é racismo e por que ele deve ser combatido.
- Roda de conversa: mediada pelo professor, com espaço para escuta, reflexão e troca de experiências, respeitando os limites e a privacidade de todos.

Para finalizar, discutir com a turma:

E como agir em caso de racismo?

- A quem procurar na escola?
- Por que é importante denunciar?
- Como apoiar quem sofre discriminação?

Objetivo da atividade:

Promover a consciência sobre o racismo e fortalecer o combate às formas de discriminação.

.....

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A trajetória da Comunidade Quilombola Recantos Dourados está profundamente ligada à sua ancestralidade negra e a um processo histórico de longa duração, marcado pela migração de famílias, pela resistência no território e pela construção gradativa de uma vida comunitária própria. No decorrer do tempo, homens e mulheres negras foram se estabelecendo na região de Abadia de Goiás, compartilhando esforços, trabalho, saberes e formas coletivas de organização da vida cotidiana. Desse processo, nasceram vínculos duradouros, práticas culturais, celebrações religiosas, modos de trabalhar a terra e lugares carregados de significado, como as roças, os caminhos, os córregos, as matas e os espaços de convivência, que ajudaram a estruturar a comunidade e a fortalecer o sentimento de pertencimento.

Atualmente, Recantos Dourados reúne em torno de 300 famílias, envolvendo cerca de 3.000 pessoas ligadas à comunidade, cuja existência coletiva foi oficialmente reconhecida como quilombola pela Fundação Cultural Palmares em 2016.

Esse reconhecimento representou um avanço fundamental, ao legitimar publicamente a história, a identidade e a presença da comunidade no território, além de abrir caminhos para o acesso a direitos e políticas públicas específicas. No entanto, ele não encerra a trajetória da comunidade. Permanecem os desafios relacionados ao respeito social, à garantia de direitos, à efetivação de políticas públicas, à permanência no território e à construção de condições dignas de vida. Trata-se de um processo contínuo, que exige mobilização, engajamento e organização coletiva.

Nesse sentido, a garantia do acesso ao território, à educação, à saúde e à moradia são fundamentais no enfrentamento do racismo estrutural e seguem sendo pautas atuais da comunidade, de forma que o desejo de Josilene traduza uma das principais expectativas da comunidade: “Eu sonho em nossa comunidade ter terras para plantar, porque um quilombola ama plantar”.

O acesso à terra, nesse contexto, está diretamente ligado à possibilidade de produzir alimentos, à preservação dos saberes tradicionais, à autonomia econômica e ao fortalecimento da vida comunitária. Sem o território, muitos desses conhecimentos correm o risco de desaparecer, pois estão profundamente associados ao contato direto com o solo, as roças, as plantas e o mato, que sustentam práticas de trabalho, alimentação, cuidado e transmissão cultural.

Essa luta constante pela afirmação da Comunidade Recantos Dourados busca superar obstáculos históricos para a garantia de direitos e para a segurança da comunidade. O reconhecimento oficial representou um passo importante, mas o cotidiano revela que ainda é necessário insistir continuamente para assegurar o acesso a uma educação de qualidade, a serviços de saúde adequados, à moradia digna, à infraestrutura básica e a políticas públicas que valorizem a cultura, a memória e os modos de vida quilombolas.

É dessa necessidade concreta de organização e resistência que emerge a atuação da Associação Quilombo Recantos Dourados, compreendida como espaço de articulação política, diálogo coletivo e defesa dos interesses comunitários. Como registra o histórico institucional:

A Associação Quilombo Recantos Dourados possui sede provisória e administração na cidade de Abadia de Goiás, localizada na Av. José Pedro da Costa, Quadra 23, Lote 02, setor Jardim Nova Abadia. Trata-se de uma entidade sem fins lucrativos e sem finalidade econômica, instituída a partir da aprovação de seu estatuto em 15 de junho de 2016 e declarada de Utilidade Pública Municipal pela Lei n.º 628/2016, de 30 de setembro do mesmo ano (Associação Quilombo Recantos Dourados, 2016).

Nesse horizonte de lutas e memórias, a comunidade quilombola Recantos Dourados segue reafirmando tradições ancestrais e transformando sua própria existência em um exercício permanente de resistência. Trata-se de uma trajetória marcada pela construção coletiva, pela transmissão de saberes e pela contribuição contínua da população negra para a formação histórica, cultural e social do estado de Goiás e do Brasil. Ao manter vivo o espírito comunitário, a comunidade assume também uma responsabilidade com o futuro, compreendendo a luta como um compromisso que atravessa gerações. Eli conclui:

Agora, a responsabilidade como uma liderança que tem esse compromisso, que tem essa responsabilidade, que traz essa vontade de querer é bom! É bom porque eu olho do lado da minha bandeira e, quando eu seguro no mastro, por mais que às vezes parece que vai cair, porque está pesado essa bandeira, chega os próprios que a mim confiaram e ajudam a levantar. E aí você se põe de pé de novo e continua a exercer aquilo que Deus te confiou, que a sua ancestralidade confiou, que a sua comunidade também confiou e espera de você.

É importante continuar caminhando e é importante construir para que os que vão me substituir, eles tenham também a mesma garra, porque eu não sou a única que está aqui. Antes de mim já vieram

outras, e outras, e outros, e vários. E, depois de mim, vão vir outros, e outras, e vários para continuar esse legado.

Então, a minha responsabilidade é que me traz a força para continuar nessa luta diária.

ANEXO

.....



Eli com Maria Rosa da Silva e João Batista Honório
Fonte: Acervo pessoal do autor.



Eli com João Batista Silverino Martins e Maria Helena Martins.
Fonte: Acervo pessoal do autor.



Eli com Maria da Conceição Neres Pina
Fonte: Acervo pessoal do autor.



Eli com Domeciano Cândido Oliveira e Rosilda Gomes Barbosa
Fonte: Acervo pessoal do autor.

FONTES ORAIS

.....

Entrevistas

As entrevistas utilizadas neste caderno foram realizadas no âmbito do projeto Educação Escolar Quilombola, respeitando os princípios da escuta, da história oral e da coautoria comunitária. As falas foram registradas com autorização dos(as) entrevistados(as) e utilizadas de forma contextualizada, preservando o sentido das narrativas.

ANDRADE, Ângela Maria Antunes Pereira de. **Entrevista concedida ao Projeto Quilombo Boa Nova.** Comunidade Quilombola Recantos Dourados, Abadia de Goiás, 2024.

MARTINS, João Batista. **Entrevista concedida ao Projeto Quilombo Boa Nova.** Comunidade Quilombola Recantos Dourados, Abadia de Goiás, 2024.

NASCIMENTO, Josilane Antunes do. **Entrevista concedida ao Projeto Quilombo Boa Nova.** Comunidade Quilombola Recantos Dourados, Abadia de Goiás, 2024.

PINA, Maria da Conceição Neres. **Entrevista concedida ao Projeto Quilombo Boa Nova.** Comunidade Quilombola Recantos Dourados, Abadia de Goiás, 2024.

PEREIRA, Maria Elisângela Antunes. **Entrevista concedida ao Projeto Quilombo Boa Nova.** Comunidade Quilombola Recantos Dourados, Abadia de Goiás, 2024.

MARTINS, João Batista Silverino. **Entrevista concedida ao Projeto Quilombo Boa Nova.** Comunidade Quilombola Recantos Dourados, Abadia de Goiás, 2024.

MARTINS, Maria Helena. **Entrevista concedida ao Projeto Quilombo Boa Nova.** Comunidade Quilombola Recantos Dourados, Abadia de Goiás, 2024.

OLIVEIRA, Domeciano Cândido. **Entrevista concedida ao Projeto Quilombo Boa Nova.** Comunidade Quilombola Recantos Dourados, Abadia de Goiás, 2024.

REFERÊNCIAS

.....

ASSOCIAÇÃO QUILOMBO RECANTOS DOURADOS. **Remanescentes quilombolas no município de Abadia de Goiás: relatos e documentação.** Abadia de Goiás, 2016.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A festa do santo de preto.** 2. ed. Taubaté: Editora Cabral, 1995.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.** Brasília: Senado Federal, 1988. (Art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias – ADCT).

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica.**

Resolução CNE/CEB nº 8, de 20 de novembro de 2012. Brasília: MEC, 2012.

BRASIL. Secretaria Especial dos Direitos Humanos; Ministério da Educação. **Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos.** Brasília, 2007.

DAMATTA, Roberto. **O que faz o Brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES. **Comunidades Quilombolas Certificadas.** Brasília, 2024.

GOMES, Flávio dos Santos. **Histórias de quilombolas: mocambos e comunidades de senzala no Rio de Janeiro.** São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico 2022: quilombolas.** Rio de Janeiro: IBGE, 2023.

MONEGO, Estelamaris Tronco; SANTIAGO, Raquel de Andrade Cardoso; MARTINS, Selenia Carvalho; ROSA, Lucilene dos Santos (orgs.). **Cozinha quilombola: sabor e resistência**. Goiânia: Cyr Gráfica, 2019.

MOURA, Clóvis. **Quilombos: resistência ao escravismo**. São Paulo: Ática, 1987.

REIS, João José. **Quilombos e revoltas escravas no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SCHWARCZ, Lília Moritz. **Brasil: uma biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SOBRE O AUTOR

.....

Leonardo de Oliveira Souza é professor do Instituto Federal Goiano (IF Goiano) – Campus Iporá. É doutor em História Política pela Universidade Federal de Goiás (UFG), com estágio de pesquisa na Universidad de Chile. Desenvolve pesquisas nas áreas de História e Memória, com ênfase no estudo dos regimes autoritários latino-americanos e de seus impactos nas disputas em torno da memória e dos direitos humanos. Desenvolve também projetos e ações voltados à promoção dos direitos humanos, à educação para as relações étnico-raciais e à valorização do patrimônio histórico-cultural e da memória social, fortalecendo o diálogo entre instituição e comunidade.

1º edição Goiânia-GO
Tipografia Inter

Este livro reúne memórias, entrevistas e experiências compartilhadas para reconstruir algumas trajetórias da comunidade quilombola de Abadia de Goiás. A obra evidencia processos de pertencimento, resistência e transformação social que atravessam diferentes gerações.

O resultado do diálogo entre pesquisa acadêmica e a comunidade e o trabalho contribui para o reconhecimento da memória social e para o fortalecimento das identidades culturais, criando a importância da história pública na construção do conhecimento histórico.